

### As *Vidas* de Píndaro

Camila de Moura  
doutoranda em Letras Clássicas (USP)  
camilademoura@usp.br

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a tradução de oito textos curtos sobre a vida do poeta Píndaro: uma *Vida* fragmentária, recuperada dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy.* XXVI 2438); três *Vidas* e uma coleção de máximas, transmitidas como anexos aos manuscritos medievais das suas obras; e os três verbetes da *Suda* que se ocupam de Píndaro e de seus familiares diretos. Lendo-os em conjunto, pretende-se destacar a variedade de tradições, calcadas no mais das vezes em uma leitura *biografizante* de sua obra poética, mas também a persistência de certos temas narrativos estereotípicos, como a sua relação privilegiada com os deuses, que culmina com Pã entoando suas canções nas cercanias de montanhas sagradas, e o gesto de Alexandre, que teria poupado sua casa ao saquear Tebas.

**Palavras-chave:** *Vidas* antigas; biografia; biografia grega; Píndaro.

### *Lives of Pindar*

103

**ABSTRACT:** This paper presents the translation of eight short texts on the life of the poet Pindar: a fragmentary *Life*, recovered from the Oxyrhynchus Papyri (*P. Oxy.* XXVI 2438); three *Lives* and a collection of sayings, transmitted as attachments to the medieval manuscripts of his works; and the three entries of the *Suda* that deal with Pindar and his direct relatives. By reading them together, we intend to highlight the variety of traditions, most often based on a biographical reading of his works, but also the persistence of certain stereotypical narrative themes, such as his privileged relationship with the gods, which culminates with Pan singing his songs in the vicinity of sacred mountains, and the gesture of Alexander, who would have spared his house when sacking Thebes.

**Keywords:** ancient *Lives*; biography; Greek biography; Pindar.

## Introdução

O estabelecimento de um *corpus* das *Vidas* de Píndaro obedece aqui a um critério que define as *Vidas* (*Bioi, Vitae*) como narrativas inteiramente devotadas aos episódios do curso da vida – incluindo nascimento e morte – de figuras eminentes, onde muito frequentemente se interpenetram os tempos histórico e mítico. São excluídos do recorte, portanto, os assim chamados *Testimonia*, excertos ou fragmentos que, embora reproduzam certas tradições de que são compostas as *Vidas*, respondem a uma finalidade distinta dentro das obras em que estão inseridos.<sup>1</sup>

Foram reunidos, segundo esse critério, oito textos, quatro dos quais se conformam sem ressalvas ao gênero em questão. São eles: 1) uma *Vida* intitulada *Píndaro* (Πίνδαρος), recuperada dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy.* XXVI 2438); 2) uma *Vida* intitulada *Vida de Píndaro* (Βίος Πινδάρου), dita *Vita ambrosiana*, pois encontrada no manuscrito *Ambrosianus C 222* dos epinícios de Píndaro (manuscrito A); 3) uma *Vida* intitulada *Nascimento de Píndaro* (Πινδάρου γένος), dita *Vita thomana*, pois coligida por Thomas Magister, erudito bizantino do século XIII (manuscritos EHQQ<sup>b</sup>θ); 4) uma *Vida* intitulada *Nascimento de Píndaro em versos épicos*, dita *Vita metrica*, por sua composição em hexâmetros (manuscritos EPQ). Os demais textos, aos quais nos referiremos como “missivas biográficas”, embora careçam da complexidade estrutural que permitiria classificá-los propriamente como *Vidas*, obedecem, no entanto, ao critério estipulado inicialmente. São eles: 1) uma coleção de apotegmas (“máximas”), geralmente copiados em conjunto com a *Vita ambrosiana* (manuscrito A); 2) os três verbetes da *Suda* dedicados a Píndaro e a seus familiares diretos, o primeiro dos quais se assemelha ao epítome de uma *Vida*. O *Proêmio* de Eustácio não foi incluído neste trabalho por integrar um comentário crítico de grande extensão.<sup>2</sup> Também foram deixados de fora os dois poemas transmitidos nos mesmos manuscritos que a *Vita metrica*, dedicados, respectivamente, à ordenação das provas do pentatlo e ao elogio dos Ἐννέα λυρικοί (“os nove poetas líricos” do cânone), os quais, embora incluídos em algumas das edições de consulta (DAUDE et al., 2013), não tratam diretamente de Píndaro. Até onde se pôde verificar, as *Vidas* e missivas biográficas aqui apresentadas não haviam sido ainda reunidas em tradução.

A leitura destes textos em conjunto permite vislumbrar a riqueza de tradições associadas à vida do poeta. Sobre a *Vida* recuperada dos Papiros de Oxirrinco, é possível observar, em que pese seu estado fragmentário, a ausência de anedotas fantásticas, bem como uma grande preocupação crítica por parte do biógrafo, que submete as informações de que dispõe a uma avaliação lógica. O

<sup>1</sup> Para uma relação dos *Testimonia*, ver KIMMEL-CLAUZET, 2013, p. 353-369.

<sup>2</sup> Ver, a esse respeito, NEUMANN-HARTMANN, 2019.

biógrafo contesta, por exemplo, a datação da morte de Píndaro com base na sucessão dos arcontes de Atenas, argumentando que ele escreveu um epinício (a *Olímpica* 4) posterior ao arcontado de Hábron (época em que suas fontes situariam a morte do poeta): “[Ora, seria impossível], estando já morto, escrever epinícios.” (*Píndaro* 15-20).<sup>3</sup> Por essa razão, alguns de seus comentadores quiseram classificá-la como uma “biografia gramatical” (JACOBY et al., 2019, p. 280), remetendo-a aos trabalhos de Aristófanes de Bizâncio e Calímaco, e fazendo eco à divisão de Friedrich Leo, hoje ultrapassada, entre as *Vidas* escritas por peripatéticos e alexandrinos (MOMIGLIANO, 1993, p. 18-21).

Quanto às demais *Vidas* e missivas, é notável, conforme destaca Mary Lefkowitz (2012, p. 61), seu compromisso em retratar Píndaro como um homem piedoso, em contraste com a ganância de que o acusavam seus escoliastas. Ainda segundo a autora, tal visão estaria atrelada a uma leitura *biografizante* de sua obra poética, na qual é corrente o uso da primeira pessoa: “Os comentadores antigos, em sua tentativa de interpretar referências obscuras na poesia [de Píndaro], costumavam imaginar que aquilo que o poeta dissera referia-se primeiramente à sua experiência pessoal.”<sup>4</sup> (LEFKOWITZ, 2012, p. 66). Algumas anedotas recorrem com variantes, como aquela segundo a qual Pã teria sido visto entoando um poema de Píndaro, e aquela segundo a qual Pausânias, rei dos espartanos (*Vida de Píndaro* 2.10, p. 11), “os espartanos” (*Nascimento de Píndaro*, 5.10, p. 16) ou Alexandre, o Grande (*Nascimento de Píndaro em versos épicos* 9.1, p. 14; *Sobre Píndaro*, p. 15; *Nascimento de Píndaro* 5.15, p. 16), ao invadirem Tebas, teriam poupado a casa de Píndaro por reverência ao poeta. As *Vidas* estão estruturadas em torno dos seguintes temas narrativos, que ocorrem em ordem variável:<sup>5</sup>

- 1) local de nascimento, filiação, família;
- 2) prenúncio da vocação poética (episódio das abelhas);
- 3) educação poética e musical, primeiros feitos, precocidade;
- 4) sincronicidade com eventos e figuras eminentes;
- 5) relação privilegiada com os deuses, honras recebidas em Delfos, culto;
- 6) o episódio da canção entoada por Pã;
- 7) o episódio da invasão de Tebas por Pausânias ou Alexandre, posterior à sua morte;
- 8) matrimônio e descendência;
- 9) lista de obras;

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> “Ancient commentators, in attempting to interpret obscure references in his poetry, tended to imagine that what the poet said referred primarily to his own personal experience”. Todas as traduções de textos em língua moderna são nossas.

<sup>5</sup> Utilizamos aqui a terminologia de Kivilo (2010). Daude et al. (2013) preferem chamá-los de “biografemas”, seguindo a terminologia barthesiana.

- 10) fundação dos Jogos Olímpicos;
- 11) morte, data da morte, epigrama fúnebre.

A menção a fontes é particularmente escassa; dos oito textos traduzidos, há apenas cinco, elencadas a seguir:

<b>Autor referido</b>	<b>Sobre o autor</b>	<b>Menções feitas</b>
“Corina”	Corina, (séc. VI-III a.C.), <sup>6</sup> poeta da Beócia (de Tanagra ou Tebas), portanto, conterrânea de Píndaro, e possivelmente sua contemporânea. Segundo a <i>Suda</i> , teria sido, como Píndaro, discípula da poeta Mirtis, e Pausânias e Eliano fazem-na rival de Píndaro. <sup>7</sup>	No <i>P. Oxy.</i> 2438 ( <i>Píndaro</i> 1), atribui-se a Corina a informação de que Píndaro seria filho de Escopelino.
“Aristófanes”	Aristófanes de Bizâncio (séc. III a.C.), bibliotecário de Alexandria, editor e crítico das obras dos períodos Arcaico e Clássico, teve papel central no estabelecimento de um cânone de autores e na seleção das obras conservadas desses períodos.	1) No <i>P. Oxy.</i> 2438 ( <i>Píndaro</i> 35), atribui-se a Aristófanes a divisão das obras de Píndaro em 17 livros. 2) No <i>Nascimento de Píndaro</i> 7.15, Aristófanes é apontado como “organizador das obras de Píndaro”.
“Camaleão e Istro”	Camaleão de Heracleia (séc. IV a.C.), peripatético da primeira geração (MOMIGLIANO, 1993, p. 70), autor de vários tratados sobre poetas gregos, incluindo um	Na <i>Vida de Píndaro</i> 1.5, Camaleão e Istro são citados como fontes para a história da aparição de uma abelha que, ao deitar mel na boca de Píndaro ainda criança, prenuncia sua vocação poética. Não se sabe se os testemunhos estão interconectados, mas é

<sup>6</sup> O período em que teria vivido Corina é disputado pelos comentadores. Embora a tradição de que fazem parte algumas das *Vidas* aqui apresentadas situe-a como contemporânea de Píndaro, a menção mais recuada à sua obra data do século I a.C., e análises estilométricas apontaram semelhanças entre a ortografia de seus poemas e o dialeto da Beócia do século III a.C. Cf. Hornblower & Spawforth (1999, p. 390)

<sup>7</sup> Pausânias 9.22 e Eliano, *VH*, 13.25.

	Περὶ Πινδάρου ( <i>Sobre Píndaro</i> ). <sup>8</sup> Istro (séc. III a.C.), natural de Cirene, da Macedônia, de Pafos, ou de Calate, possível aluno de Calímaco e, portanto, um alexandrino. Sua identidade é disputada. <sup>9</sup>	provável que ambos remetesse à mesma tradição.
“Arriano”	Arriano da Nicomédia (sécs. I-II d.C.), historiador de expressão grega e autor, entre outros, de uma <i>Anábase de Alexandre</i> , obra de que teria sido extraída a menção feita na <i>Suda</i> .	No verbete “Sobre Píndaro”, do <i>Suda</i> , Arriano é citado como fonte da história segundo a qual Alexandre teria poupado a casa de Píndaro ao saquear Tebas. A mesma história é contada no <i>Nascimento de Píndaro</i> 5.15 e no <i>Nascimento de Píndaro em versos épicos</i> 9.1, sem menção a fontes.

Tabela 1 – Fontes mencionadas

## 1. Sobre a tradução

107

A ordem dos textos buscou respeitar em linhas gerais a cronologia estipulada pelos estudos de referência para a sua redação: 1) a *Vida* dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy. XXVI 2438*), editada pela primeira vez por Lobel, em 1961 (LOBEL, 1961), que data a cópia de fins do século II ou princípios do século III d.C.; a data da sua redação remete, porém, aos séculos II a III a.C. (JACOBY et al., 2019, p. 279; DAUDE et al., 2013, p. 54); 2) a *Vita ambrosiana*, cuja cópia é datada por Westermann (1964) de antes do século X, e cuja redação, segundo Kimmel-Clauzet (2010, *apud* DAUDE et al., 2013, p. 49), pode remontar ao século II d.C.,

<sup>8</sup> Por essa razão, Camaleão tornou-se uma fonte central, sendo citado frequentemente pelos antigos biógrafos de poetas gregos. São atribuídas a ele, em geral, histórias e anedotas biográficas de cunho fantástico, baseadas em inferências feitas a partir da leitura das obras dos biografados. Por essa razão, seu método é frequentemente criticado pelos estudiosos da biografia antiga: “Camaleão tinha a tendência de inferir as circunstâncias pessoais de seus poetas daquilo que eles escreviam. (...) A técnica de extrair informações sobre as vidas de escritores dos seus trabalhos era um substituto ao mesmo tempo legítimo e extremamente perigoso da informação direta.” (MOMIGLIANO, 1993, p. 70).

<sup>9</sup> Smith (1870, p. 634), conjectura que tenha havido dois Istros praticamente contemporâneos na Antiguidade: o primeiro, referido pela *Suda* (I 706) como natural de Cirene, da Macedônia ou de Pafos, seria o historiador aluno de Calímaco, autor de uma história da Ática, de um tratado sobre os Ptolomeus e de outras obras fragmentárias ou perdidas; o segundo, referido por Estéfano de Bizâncio como natural de Calate (cidade de outro biógrafo helenístico eminente, Sátiro de Calate) e autor de um *Περὶ τραγωδίας* (*Sobre a tragédia*) e de um *Περὶ μελοποιῶν* (*Sobre os poetas mélicos*) (HUMMEL *apud* DAUDE et al., 2013, p. 61). Para Smith, o segundo seria o Istro citado pelo autor da *Vida de Sófocles* (cf. DE MOURA, 2019), e por conseguinte, pelos biógrafos de Píndaro.

época da constituição da seleta de epinícios pindáricos; 3) a coleção de apotegmas (“máximas”) de Píndaro, transmitida junto com a *Vita ambrosiana*, cuja datação é incerta;<sup>10</sup> 4) a *Vita metrica*, datada de depois do século V d.C. (JACOBY et al., 2019, p. 277); 5) os verbetes da *Suda*, cuja edição data do século X, mas cuja redação (ao menos do primeiro verbete) pode remeter a Hesíquio, autor dos séculos V a VI d.C. (JACOBY et al., 2019, p. 277); 6) a *Vita thomana*, coligida por Thomas Magister no século XIV a partir de fontes de variada antiguidade. A tradução destes textos em conjunto observou a repetição de certos conceitos e expressões, vertendo-os de modo a tornar essas recorrências perceptíveis no idioma de chegada.

Destaca-se, em primeiro lugar, a tradução do título da *Vita thomana*, Πινδάρου γένος, por *Nascimento de Píndaro*, e o da *Vita metrica*, Πινδάρου γένος δι'ἐπῶν, por *Nascimento de Píndaro em versos épicos*. A tradução de γένος por “nascimento” teve por fim gerar uma expressão familiar em português, compatível com a frequência bastante corriqueira do termo em grego e com seu sentido etimológico, associado ao verbo γίγνομαι (BEEKES, 2010, p. 272), “nascer”, “tornar-se”. Entende-se que a palavra “nascimento” não é menos apropriada que “origem” ou “origens” (termos preferenciais, considerados, porém, muito marcados)<sup>11</sup> ao veicular a acepção mais específica de γένος como célula social formada por laços de nascimento (factuais ou supostos), no interior da qual se realizavam ritos específicos, remetendo a uma ancestralidade mítica (SMITH, 1890, p. 567). Nesse sentido, γένος abarcaria tanto a ascendência quanto a descendência do poeta, ambas mencionadas no contexto das *Vidas*, que referem também certos cultos prestados a Píndaro após sua morte. A ocorrência, porém, de frases como Πίνδαρος τὸ μὲν γένος Θηβαῖος (“Píndaro era tebano de nascimento”) reforçou a escolha por um termo de acepção mais ampla, eliminando opções como “estirpe” ou “linhagem”. Com o fim de apresentar tal discussão ao leitor, foi fornecida uma nota de rodapé explicativa na primeira ocorrência do termo. Por fim, essa opção está de acordo com as traduções das *Vidas* de Ésquilo, Sófocles e Eurípidés produzidas anteriormente (DE MOURA, 2019) como parte da pesquisa em que este trabalho se insere.

Para a tradução da *Vita metrica*, adotou-se o esquema do hexâmetro datílico vernáculo de Carlos Alberto Nunes (OLIVA NETO, 2014) com relativa liberdade, isto é, com eventuais anacruses, o deslocamento de algumas tônicas, e um verso final abreviado. As traduções inglesa e francesa a que tivemos acesso

<sup>10</sup> De acordo com Momigliano (1993, p. 81), é provável que coleções de apotegmas de filósofos e sábios já circulassem no mundo grego desde o século V a.C.; posteriormente, os peripatéticos se dedicariam à produção e coleção de textos do tipo.

<sup>11</sup> Utiliza-se a palavra “marcado” aqui no sentido lato que ela geralmente assume no contexto das ciências sociais. Tem-se em mente, em especial, os desdobramentos das considerações de Foucault sobre a rejeição da “busca da origem” (*Ursprung*) como método por Nietzsche, ao defender, por outro lado, a investigação filosófica como *genealogia* (termo derivado de γένος). (FOUCAULT, 1998, p. 17). Suas implicações para o campo da crítica textual são inúmeras.

(BOTERF & TARETTO, 2015; DAUDE et al., 2013) adotam um esquema de verso livre próximo da prosa, com grande variação na extensão dos versos e longas glosas explicativas. Aqui, por meio da adoção de um esquema métrico fixo e reconhecível, buscou-se destacar, por outro lado, traços da épica antiga em tradução, como a consistência rítmica, as inversões, as soluções sintéticas e o vocabulário característico. Tal opção é condizente com a percepção, que permeia este trabalho e a pesquisa de que ele deriva, de que há pouco proveito em ler as *Vidas* de poetas como meros compilados de informações, e que suas formas altamente variáveis – alvo de frequentes juízos de valor por parte de seus críticos contemporâneos – devem ser consideradas ao interpretá-las. A adoção do verso épico é especialmente significativa, tendo em vista o debate em torno da *heroicização* dos poetas gregos por seus biógrafos.<sup>12</sup>

Estas *Vidas* de Píndaro apresentam um único epigrama (*Vida de Píndaro* 3.10), número ínfimo se as compararmos às demais *Vidas* de poetas, nas quais a presença de epigramas é muito mais frequente e abundante. Trata-se de um “epigrama *sobre* a morte [de Píndaro]” (ἐπίγραμμα ἐπὶ τῇ τελευτῇ αὐτοῦ), ou seja, um poema fúnebre de cunho literário, sem qualquer indicação (legítima ou não) de que se trate de um poema inscrito. Para a tradução do poema, adotamos um esquema com versos de 16 e 14 sílabas, correspondendo, respectivamente, ao hexâmetro e ao pentâmetro do dístico elegíaco.

Cabe fazer uma última observação, a respeito da transposição de nomes próprios gregos ao português. Muitos dos nomes que figuram nestas *Vidas* designam personagens sem outras ocorrências na literatura (p. ex. Κληδίκης, “Cledice”, suposto nome da mãe de Píndaro, cf. Βίος Πινδάρου 1.5), ou personagens recônditos, muito embora eminentes (p. ex. Ἄβρων, “Hábron”, arconte de Atenas entre 458 e 457 a.C., cf. Πίνδαρος 5). Da escassa literatura de referência, foram consultados o *Índice de nomes próprios gregos e latinos* (UREÑA PRIETO et al., 1995a) e o manual *Do grego e do latim ao português* (UREÑA PRIETO et al., 1995b). Em relação aos nomes com temas em nasal e nominativo assigmático com terminação -ων, -ωνος, em grego, optou-se pela terminação -on em português (“Hélicon”, “Hábron”), exceto quando a forma em -ão é amplamente consagrada pelo uso (“Hierão”).<sup>13</sup> Em alguns casos, para os quais não foram encontradas referências, adotou-se um esquema aproximativo em relação a nomes próprios já consagrados, p. ex., “Protômaca” (Πρωτομάχη), como “Andrômaca” (Ἀνδρομάχη), e “Queréfanes” (Χαιρεφάνης), como “Querefonte” (Χαιρεφῶν) e “Xenófanes” (Ξενοφάνης).

<sup>12</sup> Ver a esse respeito Lefkowitz (1978) e Nagy (1999).

<sup>13</sup> Admite-se, na aplicação de tal critério, certo grau de subjetividade incontornável, ainda que a literatura referenciada esteja de acordo com a opção feita.

## 2. Textos gregos

### 2.1 Πίνδαρος (*P. Oxy. XXVI 2438*)<sup>14</sup>

Πίνδαρος ὁ λυρικὸς ποιητής, τὸ μὲν γένος ἦν Θηβαῖος, υἱὸς δὲ κατὰ μὲν Κόρ[ινναν καὶ ἑτέρας ποιητρίας Σκοπελ{ε}ίνο[υ, κατὰ δὲ τοὺς πλείστους ποιητὰς Δαΐφάντ[ου· γέγονεν δὲ κατὰ τὰ Περσικά, νεώτερος π[ρ]εσβυτέρῳ Σιμωνίδῃ ἐπιβάλλων. τοῦτ[ο δὲ οἱ λέγοντες Ἄβρωνος ἄρχοντος ἀποτ[εθνηκέναι πεντήκοντα ἑτῶν ὄντα ἀγνοοῦσιν. ἐπ' Ἀρχίου γὰρ ἠγώνισται ἐν Ἀθήναι[ς διθυράμβω] καὶ νεν{ε}ίκτηκεν. ὁ δὲ Ἄβρων ἀ[π'] Ἀρχίου ἐστὶν τες' ἄρα κοστός, ὥστε ἀδύν[ατόν ἐστιν δέκα ἑτῶν αὐτὸν ἠγωνίσθαι]. ὅτι δὲ οὐκ ἀποτέθηκεν ἐφ' Ἄβρωνος [οὕτως ἂν τι]ς μ[ά]θοι· ἀπὸ Ἄβρωνος Χαιρεφ[άνης ἔβ[δο]μος κατὰ τὴν ὀγδοηκοστὴν[ c. 6 ε[ ] τεθρίππω Ψαῦμις ν{ε}ικᾶ κα[ c. 4 c. 7 ] Πίνδαρος γέγραφεν ἐγκώμ[ιον οὗ ἢ ἀρχ]ῆ· ἐλατῆρ ὑπέρτατε βροντᾶς [ c. 4 ... ] ἤδη ἀποτεθ[η]κῶ[ς] ... [ἔγραψε]ν ἐπιν{ε}ίκους. ἔ[σχε] δ' υἱὸν μ[ c. 7 .. ]ς κατὰ τινὰς ὧν [ c. 5 ] αἶαρ [ c. 6 .. ]ς κατὰ δέ τινὰς [ c. 6 ] α[ c. 6 .] ου ἠγνόης [ ] [ c. 6 πα]ρθεναίους [ ] φ[ c. 6 ..] Πρ[ω]τομάχης κ[ ... θ]υγα[τ]έρων δυ[ c. 5 ] ὧν ἀδελφ ν[ ] [ c. 8 ..]ν θυγατέρας δ' ἔ[σχε, Πρ]ω[το]μ[ά]χην καὶ Εὐμητιν, ὧν [[σ]]μνημονε[ύει ἐν] τῇ ᾠδῇ ἧς ἡ ἀρχή· ὁ Μοισα[γ]έτας με καλεῖ χ[ο]ρεῦσαι Ἀ[πό]λλων[ c. 6 ..] δὲ ἐν Ἄργει [[α]μ[ c. 8 ] ] [ c. 6 ..] .φ..γενομεν [ ..] εστατο [ ] ἔτι δ' ε[ ..] κατὰ τὴν ποίησιν [ δ]ιήρηται δὲ αὐτ[ο]ῦ τ[ὰ] ποιήματα ὑπ' Ἀριστοφάνους εἰς βιβλία ιζ· διθ[υ]ρά[μ]βων β̄ [προσοδίω]ν β̄ παιάνων ᾠ̄ παρθεν[ε]ίων γ̄ [ἐπινικίω]ν δ̄ ἐγκωμίων ᾱ ἐν [ᾠ] καὶ [σκ]όλι[α c.4 ὕμ]νων ᾱ ὑ[π]ορχημάτων ᾱ θρη[ή]νων ᾱ c. 3 ..] ὧν τνεικ[ ] ολεγωντ̄ καιπ[ ] [ c. 11 ..] ματι τῆς ποιη[ c. 7 ] εγο [ c. 6 ..] νος καὶ [ ] [ ] εἰ α κατ[ c. 8

<sup>14</sup> O texto grego segue a edição de Jacoby et al. (2019).

κά]ν ἄρματι καὶ πάντα τῆ φύσει [ c. 8  
 ...] καὶ τ[ο]ιαῦτα εἴωθεν ἀναφωνεῖ[ν· σοφὸς ὁ  
 πολ]λὰ εἰδὼς φυᾶ· μαθόντες δ[ὲ] λ[άβ]ροι παγ-  
 γλω]σσία κόρακες ὡς ἄκραντα γαρυέ[τον Διὸς  
 πρὸς] ὄρνιχα θεῖον>

## 2.2 Βίος Πινδάρου<sup>15</sup>

[1.1] Πίνδαρος ὁ ποιητὴς Θηβαῖος ἦν ἐκ Κυνοκεφάλων· κώμη δὲ ἐστὶ Θηβαϊκὴ· υἱὸς δὲ Δαΐφάντου, κατὰ δ' ἐπίου Παγώνδα. ἔνιοι δὲ Σκοπελίνου αὐτὸν γενεαλογοῦσι, τινὲς δὲ τὸν Σκοπελῖνον πατρῶν αὐτοῦ γενέσθαι καὶ αὐλητὴν ὄντα τὴν τέχνην [1.5] διδάξει. μητρὸς δὲ Κλεοδίκης· οἱ δὲ Κληδίκης γράφουσι. παῖς δὲ ὢν ὁ Πίνδαρος, ὡς Χαμαιλέων καὶ Ἰστρὸς φασί, περὶ τὸν Ἐλικῶνα θηρῶντα αὐτὸν ὑπὸ πολλοῦ καμάτου εἰς ὕπνον κατενεχθῆναι, κοιμωμένου δὲ αὐτοῦ μέλισσαν τῷ στόματι προσκαθίσασαν κηρία ποιῆσαι. οἱ δὲ φασιν ὅτι ὄναρ [1.10] εἶδεν ὡς μέλιτος καὶ κηροῦ πλήρες εἶναι αὐτοῦ τὸ στόμα, καὶ ἐπὶ ποιητικὴν ἐτρέπη. διδάσκαλον δὲ αὐτοῦ Ἀθήνησιν οἱ μὲν Ἀγαθοκλέα, οἱ δὲ Ἀπολλόδωρον λέγουσιν, ὃν καὶ προϊστάμενον κυκλίων χωρῶν ἀποδημοῦντα πιστεῦσαι τὴν διδασκαλίαν τῷ Πινδάρῳ παιδὶ ὄντι, τὸν δὲ εὖ διακοσμήσαντα [1.15] διαβόητον γενέσθαι. ἔρεισμα δὲ τῆς Ἑλλάδος εἰπὼν Ἀθήνας (fr. 76) ἐζημιώθη ὑπὸ Θηβαίων χιλίαις δραχμαῖς ἄς [2.1] ἐξέτισαν ὑπὲρ αὐτοῦ Ἀθηναῖοι. ἦν δὲ οὐ μόνον εὐφυῆς ποιητὴς, ἀλλὰ καὶ ἄνθρωπος θεοφιλῆς. ὁ γοῦν Πᾶν ὁ θεὸς ὤφθη μεταξὺ τοῦ Κιθαιρῶνος καὶ τοῦ Ἐλικῶνος ἄδων παιᾶνα Πινδάρου· διὸ καὶ ἄσμα ἐποίησεν εἰς τὸν θεὸν ἐν ᾧ χάριν [2.5] ὁμολογεῖ τῆς τιμῆς αὐτῷ, οὗ ἡ ἀρχὴ (fr. 95)· ὦ Πᾶν Πᾶν Ἀρκαδίας μεδέων καὶ σεμνῶν ἀδύτων φύλαξ. ἀλλὰ καὶ ἡ Δημήτηρ ὄναρ ἐπιστάσα αὐτῷ ἐμέμψατο, ὅτι μόνην τῶν θεῶν οὐχ ὕμνησεν· ὁ δὲ εἰς αὐτὴν ἐποίησε ποίημα οὗ ἡ ἀρχὴ (fr. 37) Πότνια θεσμοφόρε χρυσάνιον. ἀλλὰ καὶ βωμὸν ἀμφοτέρων τῶν [2.10] θεῶν πρὸ τῆς οἰκίας τῆς ἰδίας ἰδρύσατο. Πausανίου δὲ τοῦ Λακεδαιμονίων βασιλέως ἐμπιπρῶντος τὰς Θήβας ἐπέγραψέ τις τῇ οἰκίᾳ· Πινδάρου τοῦ μουσοποιοῦ τὴν στέγην μὴ καίετε· καὶ οὕτως μόνη ἀπόρθητος ἔμεινεν, καὶ ἔστι τὸ νῦν ἐν Θήβαις πρυτανεῖον. ἀλλὰ καὶ ἐν Δελφοῖς ὁ προφήτης [2.15] μέλλων κλείειν τὸν νεῶν κηρύσσει καθ' ἡμέραν· Πίνδαρος ὁ μουσοποιὸς παρίτω πρὸς τὸ δεῖπνον τῷ θεῷ. καὶ γὰρ ἐν τῇ τῶν Πυθίων ἑορτῇ ἐγεννήθη, ὡς αὐτὸς φησὶ (fr. 193) Πενταετηρὶς ἑορτὰ βουπομπὸς, ἐν ᾗ πρῶτον εὐνάσθη ἀγαπατὸς ὑπὸ σπαργάνοις. λέγεται δὲ θεωροὺς ἀπιόντας εἰς [2.20] Ἄμμωνος αἰτήσαι Πινδάρῳ τὸ ἐν ἀνθρώποις ἄριστον, καὶ ἀποθανεῖν ἐν ἐκείνῳ τῷ ἐνιαυτῷ. ἐπέβαλλε δὲ τοῖς χρόνοις Σιμωνίδῃ ἢ νεώτερος πρεσβυτέρῳ· τῶν γοῦν αὐτῶν μέμνηται ἀμφοτέροι πρᾶξεων. καὶ γὰρ Σιμωνίδης (fr. 83) τὴν [3.1] <ἐν> Σαλαμῖνι ναυμαχίαν γέγραφε καὶ Πίνδαρος (fr. 272) μέμνηται τῆς Κάδμου βασιλείας. ἀλλὰ καὶ ἀμφοτέροι παρὰ Ἱέρωνι τῷ Συρακοσίῳ τυράννῳ γεγέννηται. γήμας δὲ Μεγάκλειαν τὴν Λυσιθέου καὶ Καλλίνης ἔσχεν υἱὸν Δαΐφαντον, [3.5] ᾧ καὶ δαφνηφορικὸν ἄσμα ἔγραψεν· καὶ θυγατέρας δύο, Πρωτομάχην καὶ Εὐμητιν. γέγραφε δὲ βιβλία ἑπτακαίδεκα· ὕμνους, παιᾶνας, διθυράμβων β', προσοδίων β'· παρθενίων β', φέρεται δὲ καὶ γ' ὃ ἐπιγράφεται

<sup>15</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

κεχωρισμένων παρθενίων· ὑπορχημάτων β', ἐγκώμια, θρήνους, ἐπινίκων δ'. [3.10] φέρεται δὲ ἐπίγραμμα ἐπὶ τῇ τελευτῇ αὐτοῦ τόδε·

Ἥ μάλα Πρωτομάχα σε καὶ Εὐμητις λιγύφωνοι  
ἐκλαυσαν πινυταί, Πίνδαρε, θυγατέρες,  
Ἄργόθεν ἦμος ἵκοντο κομίζουσ' ἔνδοθι κρωσσοῦ  
λείψαν' ἀπὸ ξείνης ἀθρόα πυρκαϊῆς.

### 2.3 Πινδάρου ἀποφθέγματα<sup>16</sup>

[3.16] Πίνδαρος ὁ μελοποιὸς ἐρωτηθεὶς ὑπὸ τινος τί πρίονος ὀξύτερον, εἶπε· διαβολή.

Παραγενόμενος δὲ εἰς Δελφοὺς καὶ ἐρωτώμενος τί πάρεστι θύσων, εἶπε· παιᾶνα.

[3.20] Ἐπερωτηθεὶς πάλιν διὰ τί Σιμωνίδης πρὸς τοὺς τυράννους ἀπεδήμησεν εἰς Σικελίαν, αὐτὸς δὲ οὐ θέλει· ὅτι βούλομαι, εἶπεν, ἑμαυτῷ ζῆν, οὐκ ἄλλω.

Ἐρωτηθεὶς δὲ διὰ τί οὐ τῷ εὖ πράττοντι τὴν θυγατέρα [4.1] δίδωσιν, οὐ μόνον δεῖσθαί φησιν εὖ πράττοντος, ἀλλὰ καὶ πράξοντος εὖ.

Ἐρωτηθεὶς πάλιν ὑπὸ τινος διὰ τί μέλη γράφων ἄδειν οὐκ ἐπίσταται, εἶπε· καὶ γὰρ οἱ ναυπηγοὶ πηδάλια κατασκευάζοντες [4.5] κυβερνᾶν οὐκ ἐπίστανται.

Τοὺς φυσιολογοῦντας ἔφη ἀτελῆ σοφίας δρέπειν καρπὸν (fr. 209).

### 2.4 Πινδάρου γένος δι' ἐπῶν.<sup>17</sup>

[8.6] Πίνδαρον ὑψαγόρην Καδμηίδος οὐδεὶ Θήβης  
Κλειδίκη εὐνηθεῖσα μενεπτολέμω Δαΐφάντῳ  
γείνατο ναιετάουσα Κυνὸς κεφαλῆς παρὰ χώρῳ,  
οὐκ οἶον· ἅμα τῷ καὶ Ἐρίτιμον εἰδότα θήρην,

[8.10] εἰδότα πυγμαχίην τε παλαιμοσύνην τ' ἀλεγεινήν.  
τὸν μὲν ὅτε κνώσσοντα ποτὶ χθόνα κάτθετο μήτηρ  
εἰσέτι παιδνὸν ἐόντα, μέλισσά τις ὡς ἐπὶ σίμβλῳ  
χείλεσι νηπιάχοισι τιθαιβώσσουσα ποτᾶτο.

τῷ δὲ λιγυφθόγγων ἐπέων μελέων θ' ὑποθήμων

[8.15] ἔπλετο δῖα Κόριννα· θεμείλια δ' ὥπασε μύθων

[9.1] τὸ πρῶτον· μετὰ τὴν δ' Ἀγαθοκλέος ἔμμορεν αὐδῆς,  
ὅς τέ ρά οἱ κατέδειξεν ὁδὸν καὶ μέτρον ἀοιδῆς.

εὔτε δ' Ἀλεξάνδροι Φιλιππιάδαο μενοινῆ  
Καδμείων ἀφίκοντο Μακηδόνες ἄστεα πέρσαι,

[9.5] Πινδαρέων μεγάρων οὐχ ἤψατο θεσπιδαῆς πῦρ.  
ἀλλὰ τὰ μὲν μετόπισθεν. ἔτι ζῶντι δ' ἀοιδῷ  
Φοῖβος ἄναξ ἐκέλευσε πολυχρύσου παρὰ Πυθοῦς  
ἦια καὶ μέθυ λαρόν ἀεὶ Θήβηνδε κομίζειν.

καὶ μέλος, ὡς ἐνέπουσιν, ἐν οὔρεσιν ἠυκέρως Πάν

[9.10] Πινδάρου αἰὲν ἄειδε, καὶ οὐκ ἐμέγηρεν ἀείδων.

<sup>16</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

<sup>17</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

ἦμος δ' ἐν Μαραθῶνι καὶ ἐν Σαλαμῖνι παρέσταν  
 αἰναρέται Πέρσαι μετὰ Δάτιδος ἀγριοφώνου,  
 τῆμος ἔτι ζώεσκεν, ὅτ' Αἰσχύλος ἦν ἐν Ἀθήναις.  
 τῶ δὲ Τιμοξείνῃ παρελέξατο δῖα γυναικῶν,  
 [9.15] ἢ τέκεν Εὐμητιν, μεγαλήτορα καὶ Δαΐφαντον,  
 Πρωτομάχην δ' ἐπὶ τοῖσιν. ἔμελψε δὲ κῦδος ἀγώνων  
 τῶν πιούρων, μακάρων παιήονας ἐνδεδεγμένους,  
 καὶ μέλος ὄρχηθμοῖο, θεῶν τ' ἔρικυδέας ὕμνους,  
 ἦδὲ μελιφθόγγων μελεδήματα παρθενικάων.  
 [9.20] τοῖος ἔων καὶ τόσσα παθῶν καὶ τόσσα τελέσσας  
 κάτθανεν ὀγδώκοντα τελειομένων ἐνιαυτῶν.

## 2.5 Três verbetes da *Suda*<sup>18</sup>

### 2.5.1 Πίνδαρος (Π 1617)

Πίνδαρος, Θηβῶν, Σκοπελίνου υἱός, κατὰ δέ τινος Δαΐφάντου· ὁ καὶ μᾶλλον ἀληθές· ὁ γὰρ Σκοπελίνου ἐστὶν ἀφανέστερος καὶ προσγενης Πινδάρου. τινὲς δὲ καὶ Παγωνίδου ἰστόρησαν αὐτόν. μαθητὴς δὲ Μυρτίδος γυναικός, γεγονώς κατὰ τὴν ξε' Ὀλυμπιάδα καὶ κατὰ τὴν Ζέρξου στρατείαν ὧν ἔτων μ'. καὶ ἀδελφὸς μὲν ἦν αὐτῶ ὄνομα Ἐρωτίων καὶ υἱὸς Διόφαντος, θυγατέρες δὲ Εὐμητις καὶ Πρωτομάχη. καὶ συνέβη αὐτῶ τοῦ βίου τελευτῆ κατ' εὐχάς· αἰτήσαντι γὰρ τὸ κάλλιστον αὐτῶ δοθῆναι τῶν ἐν τῶ βίῳ ἀθρόον αὐτόν ἀποθανεῖν ἐν θεάτρῳ, ἀνακεκλιμένον εἰς τὰ τοῦ ἔρωμένου Θεοξένου αὐτοῦ γόνατα, ἔτων νε'. ἔγραψε δὲ ἐν βιβλίῳ ιζ' Δωρίδι διαλέκτῳ ταῦτα· Ὀλυμπιονίκας, Πυθιονίκας, Προσόδια, Παρθένια, Ἐνθρονισμούς, Βακχικά, Δαφνηφορικά, Παιᾶνας, Ὑπορχήματα, Ὑμνους, Διθυράμβους, Σκολιά, Ἐγκώμια, Θρήνους, δράματα τραγικά ιζ', ἐπιγράμματα ἐπικά καὶ καταλογάδην παραινέσεις τοῖς Ἑλλησι, καὶ ἄλλα πλεῖστα.

113

### 2.5.2 Πίνδαρος (Π 1618)

Πίνδαρος, Σκοπελίνου, Θηβαῖος, καὶ αὐτὸς λυρικός, ἀνεψιὸς τοῦ προτέρου.

### 2.5.3 Περὶ Πινδάρου (Π 1619)

Περὶ Πινδάρου· ὅτι τὰς Θήβας τὴν πόλιν Ἀλέξανδρον φασιν εἰς ἔδαφος κατασκάψαι καὶ πλὴν ἱερῶν τε καὶ ἱερέων τοὺς ἄλλους ἀνδραποδίσαι· καὶ τὴν Πινδάρου δὲ τοῦ ποιητοῦ οἰκίαν καὶ τοὺς ἀπογόνους τοῦ Πινδάρου λέγουσιν ὅτι ἀπαθεῖς ἐφύλαξεν, αἰδοῖ τῇ Πινδάρου, ὡς φησὶν Ἄρριανὸς ὁ ἱστορικὸς ἐν τῇ α# Ἀναβάσει Ἀλεξάνδρου.

## 2.6 Πινδάρου γένος<sup>19</sup>

<sup>18</sup> O texto grego segue a edição de Adler (2001).

<sup>19</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

[4.9] Πίνδαρος τὸ μὲν γένος Θηβαῖος, υἱὸς Δαΐφάντου κατὰ [4.10] τοὺς ἀληθεστέρους· οἱ δὲ Σκοπελίνου· οἱ δὲ τὸν αὐτὸν Σκοπελίνου φασίν. οἱ δὲ Παγώνδα καὶ Μυρτοῦς, ἀπὸ κώμης Κυνοκεφάλων. ἡ δὲ Μυρτῶ ἐγαμήθη Σκοπελίνῳ τῷ αὐλητῇ, ὃς τὴν αὐλητικὴν διδάσκων τὸν Πίνδαρον, ἐπεὶ εἶδε μείζονος ἕξεως ὄντα, παρέδωκε Λάσῳ τῷ Ἑρμιονεῖ μελοποιῶ, [4.15] παρ' ᾧ τὴν λυρικὴν ἐπαιδεύθη. γέγονε δὲ κατὰ [τοῦς] χρόνους Αἰσχύλου, καὶ συγγεγένηται, καὶ τέθνηκεν ὅτε καὶ τὰ Περσικὰ ἤκμαζον. ἔσχε δὲ θυγατέρας δύο, [5.1] Εὐμητίν καὶ Πρωτομάχην. κατῳκει δὲ τὰς Θήβας, πλησίον τοῦ ἱεροῦ τῆς μητρὸς τῶν θεῶν τὴν οἰκίαν ἔχων. ἐτίμα δὲ τὴν θεὸν σφόδρα, ὧν εὐσεβέστατος, καὶ τὸν Πᾶνα, καὶ τὸν Ἀπόλλωνα, εἰς ὃν καὶ πλεῖστα γέγραφε. νεώτερος δὲ ἦν [5.5] Σιμωνίδου, πρεσβύτερος δὲ Βακχυλίδου. κατὰ δὲ τὴν Ζέρξου κατάβασιν ἤκμαζε τῇ ἡλικίᾳ. ἐτιμήθη δὲ σφόδρα ὑπὸ πάντων τῶν Ἑλλήνων διὰ τὸ ὑπὸ τοῦ Ἀπόλλωνος φιλεῖσθαι οὕτως, ὡς καὶ μερίδα λαμβάνειν ἀπὸ τῶν προσφερομένων τῷ θεῷ, καὶ τὸν ἱερέα βοᾶν ἐν ταῖς θυσίαις· Πίνδαρον [5.10] ἐπὶ τὸ δεῖπνον τοῦ θεοῦ. λόγος καὶ τὸν Πᾶνα εὐρῆσαί ποτε ἄδοντα περὶ τοῦ Πέλοπος· λόγος δὲ ὅτι ποτὲ Λακεδαιμόνιοι Βοιωτοὺς ἐμπρήσαντες καὶ Θήβας ἀπέσχοντο μόνης τῆς οἰκίας αὐτοῦ, θεασάμενοι ἐπιγεγραμμένον τὸν στίχον τοῦτον· Πινδάρου τοῦ μουσοποιοῦ τὴν στέγην μὴ καίετε. [5.15] ὅπερ καὶ τὸν Ἀλέξανδρον μετὰ ταῦτά φασι πεποικέναι· καὶ γὰρ οὕτως ἐμπρήσας τὰς Θήβας μόνης ἐκείνης ἐφείσατο. ἐχθρωδῶς δὲ διακειμένων τῶν Ἀθηναίων πρὸς τοὺς Θηβαίους, [6.1] ἐπεὶ εἶπεν ἐν τοῖς ποιήμασιν· ὦ ται λιπαραὶ καὶ μεγαλοπόλιες Ἀθᾶναι, ἐζημίωσαν αὐτὸν χρήμασι Θηβαῖοι, ἅπερ ὑπὲρ αὐτοῦ ἔτισαν Ἀθηναῖοι. γέγραπται δὲ αὐτῷ ἑπτακαίδεκα βιβλία, ὧν τέσσαρα ἢ λεγομένη περίοδος λέγει τάδε· [6.5] Ὀλυμπιονίκας Πυθιονίκας Ἰσθμιονίκας Νεμεονίκας. [Ἔστι δὲ τὰ Ὀλύμπια ἀγῶν εἰς τὸν Δία, τὰ Πύθια ἀγῶν εἰς τὸν Ἀπόλλωνα, τὰ Νέμεα ἀγῶν καὶ αὐτὸς εἰς Δία, τὰ δὲ Ἰσθμια ἀγῶν εἰς Ποσειδῶνα. τὰ δὲ ἔπαθλα τούτων ἐλαία, δάφνη, σέλινον ξηρόν τε καὶ χλωρόν.] ἀλλὰ περὶ μὲν τῶν ἄλλων [6.10] καὶ τὰ ἐπιβάλλοντα τούτοις ὕστερον ἐροῦμεν· νῦν δὲ περὶ τῆς θέσεως τῶν Ὀλυμπιονικῶν λεκτέον. τινὲς μὲν οὖν ταύτην εἰς τὰ περὶ Οἰνομάου καὶ Πέλοπος τοῖς χρόνοις ἀναφέρουσι· ἄλλοι δὲ φασιν ὡς οὕτως αἰσχρὰν οὔσαν τὴν θέσιν οὐκ ἂν διεφύλαξαν· ἄλλοι δὲ Ἡρακλεῖ ἀνατιθέασιν, [6.15] ὡς καὶ Πίνδαρος (Ο. Χ), ἐνδοξότεροις κοσμῶν τὸν ἀγῶνα. ἐπεὶ γὰρ τὴν Αὐγείου κόπρον καθῆρε καὶ τῶν ἐπηγγελμένων [7.1] οὐκ ἔτυχε, συναγαγὼν στρατόπεδον τὸν τε Αὐγείαν φονεῦει καὶ τὴν Ἥλιν παρίσταται, καὶ πολλὰ λάφυρα περιποισάμενος ἀγῶνα τίθησι τοῖς μετ' αὐτοῦ πολεμήσασιν· ὅθεν καὶ τὸ ἔθος διαμεῖναι. ἀλλ' οὐδὲ αὕτη ἔμεινεν ἢ [7.5] θέσις, ἐπεὶ τῆς συμβάσεως αὐτοῖς δυσχερείας ὑπόμνησις ἦν. ἀλλ' Ἰφιτός τις καὶ Εὐρύλοχος τοὺς Κιρραίους πολεμήσαντες (οὗτοι δὲ ἦσαν οἱ τὴν πάραλον τῆς Φωκίδος λησταὶ κατέχοντες) καὶ πολλὰ λάφυρα συναγαγόντες, ὁ μὲν Ἰφιτός τὰ Ὀλύμπια κατέβαλεν, ὁ δὲ τὰ Πύθια· καὶ ταύτην ἐπιμεῖναι [7.10] τὴν θέσιν συνέβη.

Τέθνηκε δὲ ὁ Πίνδαρος ἕξ καὶ ἐξήκοντα ἔτων γεγονῶς ἐπὶ Ἀβίωνος ἄρχοντος κατὰ τὴν ἕκτην καὶ ὀγδοηκοστὴν Ὀλυμπιάδα. ἤκουσε δὲ Σιμωνίδου.

ὁ δὲ ἐπινίκιος οὗ ἢ ἀρχή· Ἄριστον μὲν ὕδωρ, προτέτακται [7.15] ὑπὸ Ἄριστοφάνους τοῦ συντάξαντος τὰ Πινδαρικὰ διὰ τὸ περιεχεῖν τοῦ ἀγῶνος ἐγκώμιον καὶ τὰ περὶ τοῦ Πέλοπος, ὃς πρῶτος ἐν Ἥλιδι ἠγωνίσαστο. γέγραπται δὲ Ἰέρωνι βασιλεῖ Συρακουσίων· αἱ δὲ Συρακούσαι πόλις τῆς Σικελίας· ὃς καὶ κτίστης

ἐγένετο Αἴτνης πόλεως, ἀπὸ ὄρους αὐτῆς [8.1] οὕτως αὐτὴν ὀνομάσας. ἀποστείλας δὲ οὗτος ἵππους εἰς Ὀλυμπίαν ἐνίκησε κέλητι.

Τὸ μέτρον τούτου ὑπάρχει τριάς· τριάς δέ ἐστι ποίημα ἐν ᾧ στροφή, ἀντίστροφος, ἐπωδός.

### 3. Traduções

#### 3.1 Píndaro (P. Oxy. XXVI 2438)<sup>20</sup>

[1] Píndaro, o poeta lírico, era tebano de nascimento,<sup>21</sup> filho, segundo Corina e outras poetisas, de Escopelino, ou segundo a maioria dos poetas, de Daifanto; viveu [5] na época das Guerras Médicas e, sendo mais novo, sucedeu Simônides, que era mais velho do que ele. Aqueles que dizem que ele morreu no arcontado de Hábron,<sup>22</sup> contando cinquenta anos, ignoram isto. Pois na Atenas de Árquias,<sup>23</sup> ele competiu com um ditirambo [10] e foi vitorioso. Ora, Hábron foi o quadragésimo arconte depois de Árquias,<sup>24</sup> sendo assim impossível que Píndaro tenha participado de uma competição aos dez anos de idade. Pode-se compreender por que motivo ele não morreu sob o arcontado de Hábron: Queréfanos veio [15] sete anos depois de Hábron, na época da 8<sup>a</sup> Olimpíada, quando] Psáumis venceu na corrida de quadrigas. Píndaro escreveu em sua homenagem o encômio cujo começo é: “Ó, supremo condutor de raios”.<sup>25</sup> [Ora, seria impossível], estando já morto, [escreve]r [20] epinícios. T[eve] um filho [...] segundo alguns [...] segundo outros [...] ignorava [...] pa]rtênios [...] [25] Protômaca [...] de suas filhas [...] irmão [...] [Teve ...] filhas, [Pr]o[tô]maca [e Euméti]s, as quais mencio[na na] ode cujo começo é: “O chefe [30] das Musas, Apolo, me chama a dançar.”<sup>26</sup> [Morreu] em Argos [...] tornou-se [...] o maior [...] além disso [...] em toda a poesia [...] [35] os seus poemas [foram divididos por Aristófan]es em dezessete livros: dois livros de dit[i]ra[m]bos, dois livros de [prosódio]s, um livro de peãs, três livros de partên[i]o]s, quatro livros de [epinício]s, um livro de encômios, [no qual] os [esc]ól[i]os [...] um livro de [hi]nos, um livro de hiporquemas, [um] livro de tr[enos ...] [41] da poe[sia ...] [na corrida de] carros e tudo, segundo a natureza, [...] e e[s]tas coisas que costumava declama[r]: “Sábio aquele] cujo grande saber é inato; [mas] os aprendizes,

<sup>20</sup> As suplementações ao texto seguem aquelas que se encontram em Jacoby et al. (2019).

<sup>21</sup> O termo aqui traduzido por “nascimento” é *génos*, de sentido bastante amplo. O *Dicionário Grego-Português* (2006, p. 181) elenca as seguintes acepções para o termo: “nascimento”, “condição de nascimento”, “origem”, “descendência”, “família”, “linhagem”, “raça”, “tribo”, “nação”, “geração”, “casta”, “classe”, “grupo”. Para uma justificativa da escolha apresentada, ver *supra*, ‘Sobre a tradução’.

<sup>22</sup> Arconte de Atenas entre 458 e 457 a.C. (SAMUEL, 1972, p. 207).

<sup>23</sup> Arconte de Atenas, a contar por este testemunho, entre 497 e 496 a.C. (SAMUEL, 1972, p. 205).

<sup>24</sup> O arcontado era anual.

<sup>25</sup> (*Olimpica* 4, 1). Epinício dedicado a Psáumis de Camarina, antiga cidade da Sicília.

<sup>26</sup> (Fr. 116). A numeração dos fragmentos de Píndaro segue a edição de Snell-Maehler (1989).

i[moderados palavr]osos, são como corvos cantan[do] sem tino [frente] à ave divina [de Zeus].”<sup>27</sup>

### 3.2 Vida de Píndaro (*Vita ambrosiana*)<sup>28</sup>

[1.1] Píndaro, o poeta, era tebano de Cinocéfalas,<sup>29</sup> que é um distrito de Tebas; era filho de Daifanto ou, segundo outros, de Pagondas. Alguns o fazem descendente de Escopelino, outros dizem que Escopelino era seu padrasto e que, sendo tocador de aulo, ensinou a Píndaro [1.5] a sua arte. Sua mãe era Cleodice; outros escrevem Cleodice.

Quando criança, segundo contam Camaleão e Istro, Píndaro estava caçando sozinho aos pés do Hélicon quando caiu no sono, acometido por uma grande fadiga. Enquanto dormia, uma abelha pousou em sua boca e fez ali um favo de mel. Outros contam que viu num sonho [1.10] sua boca cheia de mel e de cera, e que então voltou-se para a arte poética.

Alguns dizem que seu professor em Atenas foi Agátocles, outros, Apolodoro;<sup>30</sup> dizem também que este último liderava os coros circulares<sup>31</sup> e que, estando ausente da cidade, confiou sua direção a Píndaro, que era apenas um garoto, e que Píndaro organizou tão bem [1.15] os coros que se tornou célebre. Por ter proclamado Atenas “o esteio da Grécia”,<sup>32</sup> foi multado pelos tebanos em mil dracmas, que [2.1] foram pagas em seu nome pelos atenienses.

Não era apenas um poeta de talento inato, mas também um homem amado pelos deuses. Tanto é assim que o deus Pã foi visto entre o Citéron e o Hélicon cantando um peã de Píndaro; por essa razão, compôs uma canção para o deus na qual demonstra [2.5] gratidão pela honra que lhe fora concedida, cujo começo é: “Pã, Pã, da Arcádia protetor e dos áditos sagrados guardião”.<sup>33</sup> Além disso, Deméter, aparecendo num sonho, censurou-o por ser a única entre os deuses a qual ele não havia dedicado um hino; compôs então um poema para a

<sup>27</sup> (*Olímpica* 2, 86-88). Omitiu-se na tradução, por economia poética, a informação do dual, “dois corvos”.

<sup>28</sup> A organização em parágrafos da tradução segue a proposta de Daude et al. (2013).

<sup>29</sup> O nome Cinocéfalas remete às colinas conhecidas como “Cabeças de Cão” (cf. *infra* nota 42).

<sup>30</sup> Personagens obscuros, cf. Daude et al. (2013, p. 81).

<sup>31</sup> O sentido primeiro de “coro” (*chorós*) em grego remete à dança, não ao canto. O *DGP* (2006, p. 245) elenca as seguintes acepções para o termo: “coro de dança”, “dança coral acompanhada de canto” e, apenas posteriormente, “canto coral que acompanha a dança”, “coro trágico”. Conforme observam Daude et al. (2013, p. 82), o coro circular (*kýklios chorós*) aqui mencionado está associado ao ditirambo dionisíaco, performance de canto e dança “que florescia em Atenas na época em que Píndaro concluiu sua formação”. Em *Píndaro* 5, *supra*, menciona-se a participação de Píndaro nos concursos ditirâmbicos.

<sup>32</sup> (Fr. 76).

<sup>33</sup> (Fr. 95).

ela, cujo começo é: “Legisladora soberana das rédeas de ouro”.<sup>34</sup> Além disso, ergueu um altar para ambos os [2.10] deuses diante de sua própria casa.

Quando Pausânias, rei dos espartanos, incendiava Tebas, alguém escreveu em sua casa: “Não queimem o teto de Píndaro, o artesão das Musas”; de modo que a sua foi a única casa que permaneceu inviolada, e agora é o pritaneu de Tebas.

Além disso, todos os dias, em Delfos, o profeta [2.15] proclama quando está prestes a fechar o templo: “Que Píndaro, o artesão das Musas, esteja presente para cear com o deus”. Pois ele nasceu durante o festival dos Jogos Píticos, segundo conta ele próprio: “Festa quadrienal de bois em procissão, na qual fui primeiro embalado, bem-amado, sob os lençóis”.<sup>35</sup> Diz-se que enviados foram ao templo de [2.20] Ámon<sup>36</sup> pedir para Píndaro o que de melhor pode ocorrer a um homem, e que ele morreu naquele ano.

Seguiu-se cronologicamente a Simônides, como um jovem em relação a um velho; de fato, ambos fazem menção aos mesmos eventos. Pois Simônides escreveu sobre a [3.1] batalha naval em Salamina,<sup>37</sup> e Píndaro fez menção ao reinado de Cadmo.<sup>38</sup> Além disso, ambos frequentaram a corte de Hierão, o tirano de Siracusa.

Casou-se com Megacleia, filha de Lisiteu e Calina, e teve por filho Daifanto, [3.5] para quem escreveu uma canção na ocasião das Dafnefórias;<sup>39</sup> teve também duas filhas, Protômaca e Eumétis. Escreveu dezessete livros: hinos; peãs; dois livros de ditirambos; dois livros de prosódios; dois livros de partênios, além dos quais circula um terceiro, intitulado *Partênios independentes*; dois livros de hiporquemas; encômios; trenos; quatro livros de epinícios.

[3.10] Corre o seguinte epigrama sobre a sua morte:

*Tanto choraram Protômaca e Eumétis de clara voz  
filhas prudentes, ó Píndaro, decerto por ti,  
quando de Argos vieram, cuidando da urna em que  
teus restos mortais recolheram do fogo estrangeiro.*

<sup>34</sup> (Fr. 37).

<sup>35</sup> (Fr. 193).

<sup>36</sup> Drachmann (1997) registra a conjectura de Leutsch, que sugere Apolo (Ἀπόλλωνα) em lugar de Ámon (Ἄμμωνος). No entanto, segundo Daude et al. (2013, p. 96-8), essa correção pode ter por fim adequar o texto da *Vida* ao testemunho de Plutarco (*Quaest. Conv.* 717d). As autoras recordam que um santuário de Zeus-Ámon, forma sincretizada da divindade egípcia, é mencionado por Píndaro na *Pítica* 4 (13-15), e que o poeta teria composto um hino em honra desse deus, cujo primeiro verso foi preservado por um escoliasta (Schol. P. IX, 90b-c): Ἄμμων Ὀλύμπου δέσποτα (“Ámon, senhor do Olimpo”, fr. 36).

<sup>37</sup> (Fr. 536 Page).

<sup>38</sup> (Fr. 272).

<sup>39</sup> Festival tebano em honra de Apolo Ismênio, cuja procissão era liderada por um garoto, o *daphnēphoros* (“portador do louro”).

### 3.3 Máximas de Píndaro

[3.16] Certa vez perguntaram a Píndaro, o poeta mélico: “O que é mais cortante que uma serra?”, e ele respondeu: “A calúnia”.

Quando estava a caminho de Delfos, perguntaram-lhe que oferenda trazia para o sacrifício, e ele respondeu: “Um peã”.

[3.20] Em outra ocasião, perguntaram-lhe por que não fazia como Simônides, que deixara a pátria para viver com os tiranos na Sicília, e ele respondeu: “Pois desejo viver para mim, não para outrem”.

Quando lhe perguntaram por que não daria [4.1] sua filha em casamento a um homem de boa vida, e ele respondeu que era preciso não apenas ter boa vida, mas também perseguir uma vida boa.

Em outra ocasião, alguém lhe perguntou por que não sabia cantar, uma vez que escrevia canções, e ele respondeu: “Pois os carpinteiros que fabricam o leme do navio [4.5] tampouco sabem pilotar”.

Os filósofos naturais, dizia, colhem o fruto inacabado da sabedoria.<sup>40</sup>

### 3.4 Nascimento de Píndaro em versos épicos (*Vita metrica*)

[8.6] Píndaro o altissonante nasceu lá em Tebas cadmeia,  
dado à luz por Cleidice gestante do bravo Daifanto,<sup>41</sup>

ela que perto vivia das ditas Cabeças de Cão,<sup>42</sup>

gerou com ele Eritimo,<sup>43</sup> caçador de feras exímio,

[8.10] ás na contenda do boxe e na arte da luta atroz.

Píndaro dormia um dia, pousado no chão pela mãe,

quando uma abelha que ali voejava pôs mel nos seus lábios,

lábios de um garotinho, pensando ser uma colmeia.

Foi para ele instrutora de agudas canções e palavras

[8.15] a diva Corina; legou-lhe dos mitos o fundamento,

[9.1] primeiramente; depois tomou parte do canto de Agátocles,

que lhe mostrou o caminho e o metro da sua canção.

<sup>40</sup> (Fr. 209).

<sup>41</sup> Nesta versão, tanto o pai quanto o filho de Píndaro recebem o nome de Daifanto, conforme o hábito, comum entre os antigos gregos, de que o neto receba o nome do avô, cf. Daude et al. (2013, p. 103).

<sup>42</sup> “Cabeças de Cão” (Κυνός κεφαλαί) é o nome por que eram conhecidas as colinas que se erguem entre Tebas e Téspias, na Beócia, mencionadas por Xenofonte em *Agesilau* 2.22, cf. Smith (1872, p. 726).

<sup>43</sup> O nome Eritimo, que aqui nomeia um irmão gêmeo fictício de Píndaro, aparece na *Olímpica* 13 a Xenofonte de Corinto, como nome de um parente do vencedor, que teria competido nos Jogos Ístmicos. Trata-se, possivelmente, de um primo de Téssalo, pai de Xenofonte, e, portanto, seu primo de segundo grau (VERITY, 2008, p. 154). Para Daude et al. (2013, p. 150), a caracterização de Eritimo como um “homem de ação”, em contraste com o caráter de Píndaro, revela uma “engenhosa criação mítico-biográfica”, baseada no tema dos gêmeos opostos, como Anfion (contemplativo) e Zeto (ativo), filhos de Zeus com Antíope.

Quando seguindo o desejo de Alexandre, filho de Filipe,  
 vieram os da Macedônia pilhar a cidade cadmeia,  
 [9.5] a casa de Píndaro ficou a salvo do fogo divino.  
 Mas essas coisas se deram depois. Quando vivia o cantor,  
 Febo o senhor ordenou que de Delfos, de ouro abundante,  
 sempre a Tebas trouxesse comida e o vinho mais doce.  
 Segundo contam, no alto dos cimos, Pã de cornos belos  
 [9.10] cantava sempre a sua canção, sem cobiça cantando.  
 Quando os persas vorazes marchavam sobre Maratona  
 e Salamina, com Dátis de língua selvagem à frente,  
 ele então já vivia, pois que Ésquilo estava em Atenas.  
 E a seu lado dormia Teoxena,<sup>44</sup> mulher mui divina,  
 [9.15] que mãe seria de Eumétis, Daifanto de grande coragem,  
 e depois deles, Protômaca. A glória dos quatro concursos  
 fez celebrar, com peãs acolhidos pelos venturosos,  
 música para as danças, os hinos ilustres aos deuses,  
 e a atenção devotada às moças de voz doce mel.  
 [9.20] Tendo vivido assim, tantas coisas provado e feito,  
 veio a morrer na idade de oitenta anos completos.

### 3.5 Três verbetes da *Suda*

#### 3.5.1 Píndaro (II 1617)

Píndaro, de Tebas, filho de Escopelino ou, segundo outros, de Daifanto; tal é a versão mais verdadeira, pois o filho de Escopelino é mais obscuro, e parente de Píndaro. Outros ainda o registram como filho de Pagônide.<sup>45</sup> Foi aluno de uma mulher, Mirtis, tendo nascido na época da 65<sup>a</sup> Olimpíada,<sup>46</sup> e na época da expedição de Xerxes<sup>47</sup> contava 40 anos. Ele tinha um irmão, de nome Erócio, e um filho, Diofanto, e suas filhas eram Eumétis e Protômaca. O fim da vida sobreveio segundo suas preces: tendo rogado que lhe fosse dado o que de mais belo há na vida, morreu no teatro, reclinado sobre os joelhos de seu amado Teoxeno,<sup>48</sup> aos 55 anos. Escreveu dezessete livros em dialeto dórico, quais sejam:

<sup>44</sup> Variante do nome Teoxeno, que figura no fr. 123 como objeto de desejo da *persona loquens* (cf. *infra* nota 48). Assim, a ligação pederástica de que trata o poema é transformada num matrimônio heterossexual fictício, numa provável correção de cunho moralizante condizente com a época de composição desta *Vida* ou de seus modelos.

<sup>45</sup> Possível variante do nome Pagondas.

<sup>46</sup> 520-16 a.C. (CADOUX, 1948, p. 112).

<sup>47</sup> 480 a.C., aproximadamente. (CADOUX, 1948, p. 112).

<sup>48</sup> Teoxeno é o nome do rapaz cobiçado no fr. 123, um *paidikón*, ou “canção de elogio pederástico”, cf. Ragusa (2017, p. 189).

*Olímpicas, Píticas, Prosódios, Partênios, Entronizações, Báquicas, Dafnefóricas, Peãs, Hiporquemias, Hinos, Ditirambos, Escólios, Encômios, Trenos*, dezessete dramas trágicos, epigramas em versos épicos e uma exortação em prosa aos gregos, além de muitos outros.

### 3.5.2 Píndaro (II 1618)

Píndaro, filho de Escopelino, tebano, também ele poeta lírico, e primo do primeiro.

### 3.5.3 Sobre Píndaro (II 1619)

Sobre Píndaro: contam que Alexandre deitou por terra a cidade de Tebas e, exceto pelas sacerdotisas e sacerdotes, escravizou os demais; e quanto à casa e os descendentes do poeta Píndaro, dizem que os guardou incólumes, por respeito a Píndaro, segundo conta o historiador Arriano no Livro I da *Anábase de Alexandre*.

### 3.6 Nascimento de Píndaro (*Vita thomana*)

120

[4.9] Píndaro era tebano de nascimento, filho de Daifanto segundo [4.10] as fontes mais verdadeiras; segundo outros, de Escopelino; outros contam que era filho adotivo de Escopelino.<sup>49</sup> Outros, que era filho de Pagondas e de Mirto, do distrito de Cinocéfalas. Mirto casou-se com Escopelino, o tocador de aulo, que ensinou a Píndaro a aulética. Quando viu que Píndaro possuía uma habilidade superior, entregou-o a Lasso de Hermíone, o poeta mélico, [4.15] pelo qual foi educado na lírica.

Nasceu pelos tempos de Ésquilo, com quem conviveu, e morreu no auge das Guerras Pérsicas.

Teve duas filhas, [5.1] Eumétis e Protômaca. Morava em Tebas e sua casa ficava nas cercanias do templo da mãe dos deuses.<sup>50</sup> Louvava a deusa sobremaneira, sendo profundamente piedoso, bem como Pã e Apolo, deus ao qual dedicou mais escritos.

Era mais jovem que [5.5] Simônides e mais velho que Baquílides. Na época da invasão de Xerxes, estava na flor da idade.

Foi louvado sobremaneira por todos os gregos, pois Apolo o amava tanto que ele recebia uma porção das oferendas trazidas para o deus, e o sacerdote bradava nos sacrifícios: [5.10] “Píndaro, a ceiar com o deus!”. Corre a lenda de que

<sup>49</sup> Adotou-se aqui a lição de QΘ, οἱ δὲ θετὸν αὐτὸν Σκοπελίνου φάσιν, visto que a lição preferida por Drachmann (1997), τὸν αὐτὸν Σκοπελίνου, não tem sentido claro.

<sup>50</sup> Epíteto de Reia-Cibeles.

certa vez se deparou com Pã cantando sobre Pélops.<sup>51</sup> Também corre a lenda de que quando os espartanos arrasaram a Beócia e Tebas, deixaram de pé somente a sua casa, vendo que nela estava inscrito o seguinte verso: “Não queimem o teto de Píndaro, o artesão das Musas”. [5.15] É também por isso, dizem, que Alexandre fez o que fez tempos depois; pois quando incendiou Tebas, deixou a salvo aquela única casa.

Na época em que os atenienses nutriam uma disposição hostil contra os tebanos, [6.1] declarou em seus poemas: “Ó lustrosa e grandiosa cidade de Atenas”.<sup>52</sup> Foi por isso multado pelos tebanos numa soma em dinheiro, que foi paga em seu nome pelos atenienses.

Escreveu dezessete livros, quatro dos quais nomeados a partir do assim chamado Período:<sup>53</sup> [6.5] *Olímpicas, Píticas, Ístmicas, Nemeias*. [A competição de Olímpia é dedicada a Zeus, a competição Pítica, a Apolo, a competição de Nemeia, também a Zeus, e a competição Ístmica, a Posídon. Seus prêmios são oliva, louro, salsão seco e salsão fresco.]

Sobre os demais livros, porém, [6.10] e dos que se seguem a esses, falaremos depois. Por ora, toca falar da instituição dos Jogos Olímpicos. Alguns a fazem remontar ao tempo das histórias de Enomau e Pélops; outros consideram essa versão ultrajante, e afirmam que não deveria ser conservada; outros, [6.15] incluindo Píndaro,<sup>54</sup> atribuem a instituição dos Jogos a Hércules, ornando a competição com maiores glórias. Pois depois que Hércules limpou o esterco do estábulo de Augeu e as promessas [7.1] não foram cumpridas, reuniu um exército, matou Augeu e subjugou a Élide; tendo recolhido um espólio vultoso, instituiu uma competição para todos os que guerrearam com ele. Desde então, o costume perdurou. Mas a instituição não [7.5] permaneceu, visto que era uma recordação do ódio que se havia instalado entre eles. Porém, quando um certo Ífito e Euríloco guerrearam contra os de Cirra (os quais eram piratas que controlavam a costa da Fócida)<sup>55</sup>, Ífito, reunindo um espólio vultoso, fundou os

<sup>51</sup> Provável alusão à *Olímpica* 1 (30-52). De acordo com Daude et al. (2013, p. 140), é possível que a menção a Pélops tenha por fim evocar o amor de Posídon por este (utilizado por Píndaro para contrapor a versão dominante do mito, na qual os deuses canibalizam Pélops), e servir de modelo para uma suposta tradição do amor de Pã por Píndaro, cf. o testemunho de Plutarco (*Numa* 63c).

<sup>52</sup> (*Pítica* 7, 1).

<sup>53</sup> Por “período” designava-se tradicionalmente o ciclo dos quatro grandes Jogos Pan-helênicos. Conforme conjecturam Daude et al. (2013, p. 141-2), é possível que a reunião dos livros de epínícios pindáricos por Calímaco também recebesse esse título, de modo que esta talvez seja uma informação livresca.

<sup>54</sup> Cf. *Olímpica* 10, 55-9: “[O tempo] mostrou claramente:/ como Hércules dividiu o botim,/ofereceu o melhor em sacrifício/e fundou então/a festa quadrienal, com a primeira Olimpíada/e os prêmios da vitória.”

<sup>55</sup> A Fócida era uma região da Grécia Central que abarcava, além de Cirra, a cidade de Delfos. Cirra, cidade costeira banhada pelas águas do Golfo de Corinto, e que funcionava como o “porto de Delfos” (*Políbio* 27), foi o palco de uma guerra contra a liga Anfictiônica, liderada por Delfos, entre 595 e 585 a.C. (SMITH, 1870, p. 707)

Jogos Olímpicos, e Euríloco, os Píticos; e essa instituição dos jogos [7.10] acabou por perdurar.

Píndaro morreu tendo cumprido sessenta e seis anos, sob o arcontado de Ábion, na época da 86<sup>a</sup> Olimpíada.<sup>56</sup> Foi ouvinte de Simônides.

O epinício cujo começo é: “Excelente é a água”, foi posto em primeiro lugar [7.15] na ordenação de Aristófanos, organizador das obras de Píndaro, por conter o encômio dos jogos e a história de Pélops, que foi o primeiro a competir na Élida. Foi escrito para Hierão, rei de Siracusa (Siracusa é uma cidade da Sicília); Hierão foi o fundador da cidade de Etna, assim nomeada a partir da montanha [8.1] de mesmo nome. Tendo enviado seus cavalos a Olímpia, foi vencedor na corrida de cavalos.

Seu metro é a tríade: tríade é um poema no qual há estrofe, antístrofe e epodo.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Ada. (Ed.). **Lexicographi Graeci**. Vol. 1: Suidae Lexicon. Reimpressão fac-similar. Munique, Leipzig: K. G. Saur, 2001.

122

BEEKES, Robert. **Etymological Dictionary of Greek**. 2 vol. Leiden: Brill, 2010.

BOTERF, Nicholas; TARETTO, Erika. Pindar: a Guide to Selected Sources. **Living Poets**, Durham, 2015. Disponível em: <[https://livingpoets.dur.ac.uk/w/Pindar:\\_A\\_Guide\\_to\\_Selected\\_Sources](https://livingpoets.dur.ac.uk/w/Pindar:_A_Guide_to_Selected_Sources)> Acessado em 14 de julho de 2022.

CADOUX, T. J. The Athenian Archons from Kreon to Hypsichides. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 68, p. 70-123, 1948.

DAUDE, Cécile et al. **Scholies à Pindare**. Vol. I – Vies de Pindare et scholies à la première Olympique. Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l’Antiquité, 2013.

DE MOURA, Camila. **Vidas trágicas: Ésquilo, Sófocles e Eurípidos no imaginário helenístico**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

---

<sup>56</sup> 436-2 a.C. (CADOUX, 1948, p. 112).

DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS (DGP). Coordenação de Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti e Maria Helena de Moura Neves. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

DRACHMANN, Anders Björn. (Ed.). **Scholia vetera in Pindari carmina**. Vol. 1: Scholia in Olympionicas. Reimpressão fac-similar, Leipzig: Teubner, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony. (Ed.). **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

JACOBY, Felix et al. (Ed.). **Die Fragmente der Griechischen Historiker Continued**. IV A: Biography. Leiden: Brill, 2019.

KIMMEL-CLAUZET, Flore. **Morts, tombeaux et cultes des poètes grecs**. Bordeaux: Éditions Ausonius, 2013.

KIVILO, Maarit. **Early Greek Poets' Lives. The Shaping of the Tradition**. Leiden: Brill, 2010.

LEFKOWITZ, Mary. **The Lives of the Greek Poets**. 2. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.

LEFKOWITZ, Mary. The Poet as Hero: Fifth-Century Autobiography and Subsequent Biographical Fiction. **The Classical Quarterly**, v. 28, n. 2, p. 459-469, 1978.

LOBEL, E. (Ed.). **The Oxyrhynchus Papyri, XXVI**. London: Egypt Exploration Society, 1961.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The Development of Greek Biography**. Londres: Harvard University Press, 1993.

NAGY, Gregory. **The Best of Achaeans**. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry. Edição revisada. Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1999.

NEUMANN-HARTMANN, Arlette. Pindar and His Commentator Eustathius of Tessalonica. In: CURRIE, B. et al. (Ed.). **The Reception of Greek Lyric Poetry in**

**the Ancient World:** Transmission, Canonization and Paratext. Leiden: Brill, 2019. p. 533-552.

OLIVA NETO, João Ângelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões. **Revista Letras**, v. 89, p. 187-204, 2014.

RAGUSA, Giuliana. A tradição do *paidikón* na mélica grega arcaica: testemunhos e canções. **Phaos**, v. 17, n. 1, p. 187-212, 2017.

SAMUEL, Alan Edouard. **Greek and Roman Chronology**. Munique: C. H. Beck, 1972.

SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. Vol. I. Londres: John Murray, 1890.

SMITH, William. (Ed.). **Dictionary of Greek and Roman Geography**. Vol I. Boston: Little Brown and Company, 1870.

SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman Geography**. Vol II. Boston: Little Brown and Company, 1872.

124

SNELL, B.; MAEHLER, H. (Ed.). **Pindari Carmina cum Fragmentis**. Pars II: Fragmenta. Leipzig: Teubner, 1989.

UREÑA PRIETO, Maria Helena et al. **Índice de nomes próprios gregos e latinos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995a.

UREÑA PRIETO, Maria Helena et al. **Do grego e do latim ao português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995b.

VERITY, Anthony. (Trad.). **Pindar**. The Complete Odes. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WESTERMANN, Anton. (Ed.). **ΒΙΟΓΡΑΦΟΙ**. Vitarum scriptores Graeci minores. Reimpressão. Amsterdã: Hakkert, 1964.

Data de envio: 18/07/2022

Data de aprovação: 20/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022